

## O MAR E OS MARULHOS DA MEMÓRIA NA FICÇÃO DO ANGOLANO MANUEL RUI

CARMEN LUCIA TINDÓ SECCO  
UFRJ

*"Quando chegaste mais velhos contavam estórias. Tudo estava no seu lugar. A água. O som. A luz. Na nossa harmonia. O texto oral. [...] E era texto porque havia gesto. Porque havia dança. Texto, porque havia ritual. Texto ouvido, falado, visto. É certo que podias ter pedido para ouvir e ver as estórias que os mais velhos contavam quando chegaste! Mas não! Preferiste disparar os canhões!"*

Manuel Rui<sup>1</sup>

Manuel Rui, escritor e poeta dos mais representativos da literatura angolana contemporânea, apresenta uma produção literária bastante significativa, tanto no campo da poesia, como no da ficção. Sua obra se constrói pelo constante interfaciamento crítico de duas posições: a da denúncia social da opressão e a da elaboração estética, cujo trabalho é o de reinventar poeticamente a linguagem, sem, entretanto, se afastar das estruturas orais que caracterizam as línguas africanas.

A prosa de Manuel Rui opera com temas sociais da pré e pós-independência de Angola, ou seja, com o presente da libertação, mas, paralelamente, não se esquece do passado. Em suas narrativas, o velho e o novo interagem, na busca da harmonia cósmica anterior à conquista. O mar e a memória estão sempre presentes, no jogo da reconstrução da nacionalidade perdida, esfacelada pelos anos de colonialismo. A cada texto, o desejo e a certeza da independência são reafirmados, pela tensão entre as lembranças do outrora e pela análise crítica do presente. A ficção de Manuel Rui assume, portanto, a conscientização e a denúncia, ora utilizando-se da sátira, da ironia, do humor, ora buscando a oralidade primordial, marca da cultura oprimida pelos invasores, cujos canhões e a imposição da escrita romperam com os ritmos e valores africanos. Com uma clara consciência metaficcional, a prosa de Manuel Rui teoriza sobre a arte milenar de contar estórias, recuperando, assim, os fios das narrativas orais da tradição africana. O autor tem a clareza de que, para construir a própria identidade,

---

<sup>1</sup> RUI, Manuel. "Eu e o outro - o invasor" (ou em três poucas linhas uma maneira de pensar o texto). Comunicação apresentada no Encontro "Perfil da Literatura Negra". São Paulo, Centro Cultural, 1985.

é necessário encontrar uma expressão intimamente relacionada às matrizes autóctones da cultura negra. Por tal razão, reflete com lucidez sobre as qualidades imprescindíveis ao seu texto:

E agora o meu texto, se ele trouxe a escrita? O meu texto tem que se manter assim oraturizado e oraturizante. Se eu perco a cosmicidade do rito, perco a luta. [...] e eu não posso retirar do meu texto a arma principal: a identidade.<sup>2</sup>

Manuel Rui não explicita o seu fazer literário apenas em textos teóricos como esse, mas o faz também no espaço de sua própria ficção, como é o caso, por exemplo, do conto "O Relógio", do livro **SIM CAMARADA!**, na narrativa privilegiada por nós nesta análise.

Metalingüísticamente, o conto "O Relógio" se arma como uma teoria do próprio narrar. O narrar angolano que busca na tradição, nas estruturas orais, as raízes primevas da harmonia africana dilacerada pelos canhões invasores. A narrativa opera com dois tempos e dois espaços: o do presente narrativo, às portas da independência, com o Comandante sem perna narrando estórias aos meninos, na varanda de sua pequena casa à beira-mar; o do passado narrado que consiste no rememorar dos fatos recentes da guerra pela libertação de Angola. O cenário inicial do conto lembra as imagens usadas por Manuel Rui [cf. texto da epígrafe deste trabalho] para caracterizar os tempos imemoriais da cultura africana, anteriores à chegada dos portugueses: um universo de paz e ternura, luz e som, gestos e água. Água fluindo, como a narrativa. Uma narrativa, que se institui como um rito cosmogônico, pois busca a religação das matrizes orais do ato de narrar:

Começavam meninos a chegar na mira de ouvirem a estória do relógio. Os que moravam na praia sabiam-na de cor e repetiam-na cada um de sua maneira e talento, sob a sombra dos coqueiros, toda vez com uma maravilha nova, um acrescento de inventar *nessa estória que navegava na boca da miudagem como um barco de música num mar de arco-íris infinito.*<sup>3</sup> (grifos nossos)

Metaforizando o narrar, o barco e o mar assinalam a travessia da memória em direção às origens ancestrais; o arco-íris representa o arco da liberdade a ser conquistada. A narrativa é embalada pelo marulho das ondas, cujo movimento desperta os "búzios da imaginação" ("O Relógio", p.55). Tal metáfora é constante na obra de Manuel Rui. Segundo Maria Thereza Abelha,

---

<sup>2</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>3</sup> Rui, M. (1985) "O Relógio". In: ---. **SIM CAMARADA!**, p.21.

... ouvir o búzio - prática de conhecimento das religiões africanas - significa prever o novo tempo, mas, ao mesmo tempo, possibilita a recriação de práticas antigas. Ir ao búzio é construir o futuro. Ir ao búzio do mar é buscar a memória do passado, a vida. O mar é memória, imaginação, criação. Ouvir o búzio do corpo é também ouvir o búzio do poema. O búzio, a concha são símbolos sonoros; metáforas, portanto, da oralidade.<sup>4</sup>

A estória do relógio, contada pelo Comandante, protagonista do conto, reatualiza a estrutura dos *missossos*<sup>5</sup> e *makas*<sup>6</sup> da tradição oral africana, pois mistura fatos reais da guerra com a fantasia. Funcionando como os *griots*<sup>7</sup> os velhos contadores de estórias, o Comandante encanta os miúdos, iniciando-os na prática da oralidade:

Todos os meninos andados naquele lugar sabiam a estória do relógio. [...] Mas prazer, isso sim!, era ouvi-la [...] Recebê-la doce e pachorrenta da boca do camarada Comandante. Que falava com muito devagarinho, de quando em vez saboreando um pormenor de paixão com os olhos lá longe esticados no oceano sem fim. ("O Relógio", p.21)

O narrar é voz, som, corpo e gesto. Como um *missosso*, restaura a cosmicidade do rito, fazendo interagirem o imaginário do narrador e o dos ouvintes. Como afirma Laura Padilha,

... é a soberania da voz quem comanda o prazer do texto. [...] Há a descolonização do tecido literário pela busca da tradição oral que é repensada, forma esta de gritar a própria alteridade.<sup>8</sup>

O dialogismo do narrar aproxima a estória do relógio da "verdadeira narração", aquela que, segundo Walter Benjamin, permite o reviver subjetivo das lembranças. O comandante não relata apenas os fatos acontecidos, mas as experiências prenhes de emoção. A estória nuclear é a do relógio, porém esta é recriada em mil e uma versões, enriquecidas pelas freqüentes interferências dos miúdos:

---

<sup>4</sup> ABELHA, M.T. (1992). "Manuel Rui: os onze novembro de certeza" (aula apresentada no Curso Vozes D'África, ministradas na Faculdade de Letras da UFRJ, em 29/4/92).

<sup>5</sup> "Missossos" eram narrativas fantasiosas da tradição oral africana.

<sup>6</sup> "Makas" eram narrativas orais que relatavam fatos históricos da tradição africana.

<sup>7</sup> "Griots" são os velhos contadores de estórias da tradição angolana.

<sup>8</sup> PADILHA, L. *Entre Voz e Letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. UFRJ, 1988.

A garotada interrompia. Desingatilhava perguntas novas e por cada tempo que o Comandante contasse, a estória ia-se enriquecendo não só com os pedacinhos que tinha de solicitar à sua imaginação para responder à curiosidade dos miúdos mas porque também eles participavam no recriar da narrativa, dando, uma que vez, uma voltinha no enredo. ("O Relógio", p.22)

Como em **Mil e uma Noites** e nos *missossos*, há uma estória saindo da outra. Esse processo - o do encaixe - é próprio da narratividade oral. A estória vai-se tecendo com os fios das perguntas, entrecruzando outros relatos que engrossam a narrativa central. No caso do conto em questão, a narrativa encaixada é a estória do relógio: como ele chegou a Angola e, depois, ao pulso do Comandante. É o relato da emboscada vitoriosa, da morte do Major português que era o dono do relógio, objeto transformado em troféu de guerra. A narrativa encaixante é metaficcional. Nela, o narrador externo teoriza sobre o ato de narrar, discutindo o prazer, o sabor da verdadeira narração, cuja oralidade permite a invenção, a subjetividade, a memória emotiva do passado que é recuperado pelo encantamento das palavras:

O comandante expressava agora um prazer sem medida e os miúdos escutavam-no com tal deslumbramento que parecia todas essas vitórias terem sucedido em dias recentes. ("O Relógio", p.39)

O comandante, como o narrador de que fala Walter Benjamin, não conta os fatos puramente acontecidos na guerra, mas a experiência vivida, a emoção da conquista do relógio, na emboscada gloriosa. Imprime, assim, em cada ouvinte, uma lição de heroísmo, resistência e liberdade. Através desse tipo de narrar, a história dos sofrimentos angolanos é revivida, transformando-se em lição de luta e coragem para os miúdos:

Ninguém ali desconhecia qualquer capítulo da estória. Mas as perguntas surgiam, nos momentos mais palpitantes. Tornara-se um ritual, essa espécie de virar a página ou fazer intervalinho sempre que as atenções se redobravam para um pormenor de sabor. [...] Portanto, é que a estória não envelhecia e cada vez mais novinha como o tempo incógnito que se renovava também por cada dia de medo e esperança nessa então Luanda martirizada e heróica. ("O Relógio", p.38)

O texto, além de passar essa lição aos meninos, se compraz em saborear os momentos vitoriosos da luta, afirmando a certeza da independência próxima.

O oceano, símbolo da memória e da imaginação, embala com sua musicalidade e seu movimento, a estória do relógio. Este também chegara a Angola pelo mar. E, ao ritmo de cada onda, metaforicamente, vinha à lembrança do Comandante, sempre em versão nova, reatualizada pela participação dos ouvintes.

No plano do narrado, a estória do relógio está relacionada à emboscada vitoriosa. No plano da narração, o relógio metaforiza o tempo subjetivo das lembranças. O narrador e os ouvintes revivem os episódios da luta, comportando-se, corporalmente, como em uma emboscada:

Toda a miudagem restolhosa *na mudança de posição* para chegar ainda mais de pertinho à cadeira do Comandante, pois, nesse bocado da estória, *a regra era um maior silêncio à maneira de quem participa não já da recriação da trama mas da dureza e seriedade do combate.* ("O Relógio", p.40, grifos nossos)

O suspense e a expectativa do combate tornam-se metáforas do próprio narrar que, lento, cheio de meandros, se arma como uma emboscada. O relógio, símbolo da utopia da libertação, marca, subjetivamente, o tempo que antecede a independência angolana:

O relógio que no coração de cada um não tinha mais paragem nesse tiquetaquear automático, dourado de sonho e fantasia. ("O Relógio", p.54)

Metáfora da memória emotiva da luta, o relógio cronometra os minutos de ansiedade pela vitória quase certa. A narrativa, cheia de curvas e enredos, faz suspenses, prendendo a atenção dos miúdos:

As atenções reconcitaram-se, os olhares esboçaram mais descontração. *Saiam dos abrigos da emboscada! E vitoriosos!* O relógio retomava a posição de figura central. ("O Relógio", p.46, grifos nossos)

Ultrapassando o real vivido e as experiências gravadas na pele e no coração do comandante, a estória do relógio, metaficcionalmente, se institui como uma teoria do próprio narrar. Um narrar que flui, afirmando a diferença angolana, pelo resgate da oralidade, dos ritos e das tradições ancestrais. Como em uma emboscada, o narrador externo se oculta, envolvendo-se nas malhas e fios da própria estória. Mas, em alguns momentos, "dava a impressão de sair do narrado" (p.47), teorizando sobre o fingimento do literário, sobre a distância entre o vivido e o narrado:

O mais engraçado é que os miúdos riam. Participavam no fingimento, nesse sentir de que entre o real vivido e o real recriado não havia fronteira. Havia sim aquela ligação. Como a que há sempre entre a espuma do mar e as ondas sob o azul aberto do céu. E nessa ligação é que estava todo o sortilégio bem doseado pelo real onírico que o camarada Comandante punha em cada palavra. Em cada pausa. Porque o real, mesmo, era essa estória contada. ("O Relógio", p.24)

Literatura e vida se entrelaçam: a arte necessária ao sonho de libertação. O narrado e o vivido se encontram na fronteira tênue da imaginação verbalizada. A estória do relógio se converte na própria emboscada do narrar, provocando a interação entre o plano do narrado e o da narração:

Silêncio! Os miúdos não queriam interromper. *Disciplina de combate. Estavam todos preparados para a emboscada.* Bastava só o camarada Comandante ordenar o abrir-fogo e pronto. ("O Relógio, p.43, grifos meus)

Os ouvintes, participando da estória, tornam-se co-autores. Poeticamente, reinventam o final da estória, inconformados com o fato de o comandante ter perdido o relógio para o chefe de polícia bêbado do Zaíre. Criam, então, um outro desfecho, desejando que o relógio retornasse para os filhos de seu primeiro dono, o Major português, morto em Angola, na emboscada. O sonho da vitória é recriado com poesia. Não há ódio no coração dos miúdos, nem no do Comandante. Querem a liberdade e, por isso, navegam, metaforicamente, em uma conchinha, indo até Portugal para entregar o relógio aos filhos do Major. Vão cantando o hino do ÉME-PÉ-LÁ (p.55). Querem Angola independente, mas construída com a ternura e a coragem dos que sabem ser verdadeiramente livres.

Para além do real vivido na estória do relógio, o que importa ao narrador é reinventar a experiência e a língua, deixando uma lição de futuro. "Kazukutando"<sup>9</sup> a língua portuguesa com expressões orais das línguas africanas, com inovações sintáticas e vocabulares ["*todavez*" (p.21), "*desconsegue*" (p.33), "*kandongado*" (p.48, =roubado), etc], o texto de Manuel Rui revoluciona o falar do colonizador, aproximando-se do substrato lingüístico africano. Sem ressentimentos, as fronteiras do idioma português são alargados e as vozes angolanas silenciadas emergem, mesclando a língua portuguesa com traços da oralidade ancestral. O mar, como cenário, metaforiza a revivescência da harmonia primeva. Os gestos, os sons, as expressões corporais

---

<sup>9</sup> "Kazukutando" - Segundo M<sup>a</sup> Thereza Abelha, em sua conferência "Manuel Rui: os onze novembro de certeza", é uma expressão, em KIMBUNDO, que significa "contaminando", "instalando a desordem".

efetuem a "griotização"<sup>10</sup> do texto. Pelo jogo entre o velho e o novo, pela tensão entre passado-presente-futuro, o narrar, no conto "O Relógio", se constrói como uma forma de afirmar a angolanidade soterrada, solidificando, poeticamente, no coração do narrador e no dos miúdos, a certeza e o desejo da liberdade a ser conquistada.

---

## BIBLIOGRAFIA

ABELHA, Maria Thereza. "Manuel Rui: os onze novembro de certeza". (Conferência apresentada no curso **Vozes D'África**, Faculdade de Letras, UFRJ em 29/4/92).

BENJAMIN, Walter. "O Narrador". In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. 2. ed. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. São Paulo, Ed. Ática, 1987.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. UFRJ, 1988. (mimeo.)

RUI, Manuel. "O Relógio". In: \_\_\_\_\_. **SIM CAMARADA!**. 2.ed., Cuba, União dos Escritores Angolanos, 1985.

\_\_\_\_\_. "Eu e o outro - o invasor" (ou em três poucas linhas uma maneira de pensar o texto). Comunicação apresentada no Encontro "Perfil da Literatura Negra". São Paulo, Centro Cultural, 1985.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias africanas: história e antologia**. São Paulo, Ed. Ática, 1985.

TODOROV, Tzevetan. "Os homens-narrativas". In: \_\_\_\_\_. **As estruturas narrativas**. 2.ed. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1970. (Coleção Debates, 14).

---

<sup>10</sup> "griotização" - Expressão usada por Laura Padilha, em sua tese **Entre Voz e Letra**, para definir o processo de "oraturizar" o texto, dando a este a estrutura oral das estórias contadas pelos velhos *griots* da tradição africana.